



## O que lhe chama a atenção?

---

O apóstolo João, assim como Lucas e Marcos relatam uma interessante passagem onde Jesus, sentado, observava à coleta de ofertas no templo ao mesmo tempo que ensinava (João 8:12-20/ Mc 12.41-44/Lc 21.1-4). O Mestre está em ferrenho debate com os escribas e fariseus que ardilosamente tentam encontrar alguma coisa para lhe acusar (Jo 8.2). O gazofilácio, conhecido também como o átrio das mulheres, era um lugar de grande circulação onde grandes lâmpadas ou candelabros eram acesos, fornecendo claridade e visibilidade acentuada ao local.

Assentado, “no lugar do gazofilácio”<sup>1</sup>, literalmente chamado: sala do tesouro, Jesus “*de novo lhes fala*”, revelando sua missão e identidade. Neste lugar, Jesus se assenta, observa e ensina (Mc 12.41). Seu primeiro ensinamento foi: “*Eu sou a luz do mundo*” (Jo 8.12). Parece-me que o Mestre está afirmando que qualquer outra luminosidade além Dele é artificial. Qualquer um que deseje iluminar a caminhada humana sem passar pela verdadeira luz deve ser questionada.

Fico a imaginar aquele lugar. Lâmpadas e candelabros acesos, brilhos e ruídos de homens e mulheres religiosos indo e vindo, depositando suas economias no interior da caixa, levando o metal amarelado durante semanas, meses, ou quem sabe anos. Levando em suas mãos aquilo que muitos procuram, que consomem suas vidas desejando mais e mais, o brilho do metal que parece nortear e identificar pessoas rotulando-as de nobres ou pobres de acordo com sua quantidade.

Jesus ensina: *Eu sou a luz do mundo*. Qualquer brilho, qualquer candelabro, qualquer estrela pode e deve ser questionada. Ele, Jesus, é a única luz capaz de nortear a existência humana, dar identidade e sentido ao ser humano. Ele, somente Ele é capaz de clarear qualquer ambiente, inclusive os lugares mais escuros e escondidos da alma humana.

Ele inicia o diálogo falando de si, de sua identidade, de quem Ele realmente é. Imagine por mais alguns instantes a cena relatada pelo apóstolo: Jesus, em meio a todo aquele barulho onde pessoas corriam de um lado para o outro, ao mesmo tempo, o som das moedas que vão sendo depositadas uma a uma no gazofilácio, preces, conversas, olhares, coxixos de quem depositou mais ou menos moedas, isso tudo, mergulhado num grosso caldo de religiosidade, compunham a cena descrita pelos apóstolos.

E Jesus? assentado, observando tudo e a todos diz: “*Eu sou a Luz do mundo*”.

Em outras palavras, Ele chama a atenção de seus compatriotas judeus para o fato de que os holofotes da vida não podem estar direcionados para aquilo que não é a vida, ainda que tenha um “que” de religiosidade. A verdadeira vida passa por aquilo tudo que ali está acontecendo, faz parte dela, mas não é a vida. Este *frenesi* contagiante não é a vida ainda que pareça. Não é o farol norteador da existência humana. Este cenário não tem luz própria, ele não se sustenta. Jesus afirma: apenas Eu, sou a Luz.

As atenções estão sobre o gazofilácio. Estão sobre os cuidados da vida. Gente indo depositar a sobra, outros depositando tudo. Outros ainda, sem depositar nada. Mas Jesus chama a atenção de seus ouvintes para si ensinando onde realmente devemos depositar toda a nossa esperança, toda a nossa vida, tudo o que somos e temos. Aí está o verdadeiro sentido daquele ajuntamento, daquele espaço, daquela fé, o sentido de tudo aquilo: Ele, somente Ele.

---

<sup>1</sup> Gazofilácio - Vem do grego antigo gazophylakion, composto de gaza (tesouraria) e phylakion (guarda). No Novo Testamento, indica o lugar onde, dentro do Templo de Jerusalém, foi o tesouro guardado e as ofertas feitas a Deus. Arca situada na área do templo, com o propósito de receber moedas que eram ali depositadas através de tubos de metal com pequenas fendas na extremidade visível.

Homens na sala do tesouro, levando parte desse tesouro para o entregar “religiosamente”, carregando em suas mãos aquilo que roubou sua atenção durante todo o mês, arrancou-lhe o suor, causou-lhe tensões sem medidas, dissabores... todos indo, todos vindo, e Jesus assentado, observando. Que cena estranha aos olhos de um observador, que observa Jesus observando.

Parece que Jesus é o único que não se permite ser envolvido no agito daquele lugar. Ele literalmente destoa do ambiente, e fala sobre si, sobre sua identidade (conjunto de características pelas quais algo, ou alguém é definitivamente reconhecível ou conhecido). O Senhor daquele lugar está lá e ninguém o percebe. Apesar de toda o agito da religião, o Autor da fé não é reconhecido. De alguma maneira os holofotes não estavam focados Nele.

Que diferença gritante entre a identidade religiosa do templo e a identidade de Jesus. Espaço e Deus parece que não se entendiam. Um não fazia parte do outro, não se complementavam, muito menos se ajudavam mutuamente. Como somos propensos, assim como os religiosos judeus ao divórcio entre nossa identidade cristã, refiro-me a do Cristo e a identidade do templo. Parece-me que de quando em quando, Jesus precisa entrar nos nossos “espaços sagrados”, intensamente iluminados, assentar-se e ensinar-nos sobre sua identidade, sobre o conjunto de características que revelam quem Ele realmente é.

Convidemos pois ao Mestre para assentar-se em nossas comunidades, observar-nos, sondar nossos corações e mentes, iluminando as escuridões de nossa alma e ensinar-nos quem Ele realmente é. Ajudar-nos a responder qual a razão de estarmos lá, no lugar do tesouro, no espaço sagrado, onde e como devem estar o nosso coração.